

# Editorial nº 11: A marcha do capital: tensões na Nova Ordem Mundial

Chegamos à *edição n. 11* da **Revista Fim do Mundo** em um momento histórico presente alarmante. Nunca estivemos tão próximos dos eventos perturbadores representados pela crise dos mísseis de 1962. Os atores principais permanecem os mesmos: de um lado, os Estados Unidos e toda a OTAN; de outro, não mais a União Soviética comunista, mas sua sucessora, a Rússia capitalista, em um conflito que se desenrola no território ucraniano.

A humanidade observa, atônita, os desdobramentos das ameaças de alguns países da OTAN de enviarem armas capazes de atingir alvos no território russo. Putin, com sua habitual e aparente tranquilidade, já alertou várias vezes o Ocidente de que suas armas nucleares estão de prontidão e que, por acordo global, só seriam utilizadas se a integridade territorial de um país portador fosse ameaçada. Este é o cenário de um filme de terror prestes a acontecer, dado que alguns líderes, como Emmanuel Macron, da França, e seu colega da Alemanha, o *Chanceler* Olaf Scholz, fizeram discursos infelizes defendendo o uso de suas forças armadas no território ucraniano e o uso das armas da OTAN para atacar alvos no território russo, ainda que limitados a localidades próximas às fronteiras.

Este cenário torna-se ainda mais assustador ao verificarmos que esses eventos de guerras pontuais e as guerras contínuas protagonizadas principalmente pelos Estados Unidos e por Israel fazem parte da atual crise estrutural do capital. Não basta à humanidade vivenciar os efeitos mais perversos da crise estrutural, como a brutal crise climática que se manifesta globalmente, decorrente do modo de produção, distribuição e consumo da sociedade capitalista, e da destruição permanente de postos de trabalho assalariado, tensionando a categoria "exército industrial de reserva", uma vez que apenas os estratos mais profundos desse exército se ampliam, tais como o pauperismo, o desemprego crônico e o lumpemproletariado. As grandes potências imperiais, que se alimentam dos recursos naturais e da força de trabalho do mundo todo e que moldaram o mundo para seu próprio enriquecimento em detrimento do chamado "sul global", ao que parece até



agora não abrirão mão de seus privilégios e de seu poder global, preferindo, a própria destruição da humanidade e da Terra.

Certas dimensões estéticas e ideológicas do mundo capitalista passam a refletir a crise contemporânea - inclusive o cinema norte americano, que é a maior fábrica da manutenção da ilusão liberal do mundo. Curiosamente, algumas de suas produções passaram a revelar mistérios jamais criticados da própria sociedade. Neste caso, referimo-nos ao filme "O Mundo Depois de Nós"<sup>1</sup>, cujo elenco exíguo é composto apenas por duas famílias normativas: uma família de pessoas negras e membros da classe alta, e uma família branca da classe média. O roteiro é embalado por um mistério que só se revela nas cenas finais: os Estados Unidos estão sendo atacados por ninguém sabe exatamente quem. Em um diálogo de caráter sombrio entre a mulher hóspede e o homem proprietário da casa, a mulher diz: "Muitas teorias da conspiração acreditam que estamos dominados por alguns grandes magnatas e corporações que estão no controle das nossas vidas". O homem então responde: "O problema é pior e mais assustador do que todos acreditam: a verdade é que ninguém está no controle".

Esta é uma ideia bastante discutida por István Mészáros em sua monumental obra "Para Além do Capital"; ou seja, o capital é incontrolável. Estamos todos à deriva numa sociedade global onde, para que a acumulação de capital permaneça e a mais-valia flua para as grandes corporações e para o capital financeiro, o mundo precisa estar em permanente caos e guerra. Um sinal claro disso é que a "ajuda financeira" de aproximadamente 60 bilhões de dólares aprovada pelo Congresso estadunidense para a Ucrânia não passa de um ilusionismo contábil, já que desse montante, 50 bilhões ficam nos Estados Unidos na forma de investimentos e gastos com as corporações do complexo industrial militar dos próprios Estados Unidos. Uma parte significativa desse montante irá parar nas mãos do maior conglomerado financeiro global, a Black Rock, que detém ações de algumas corporações produtoras de armas, nos Estados Unidos e na Europa.

É neste contexto de caos, medo e guerra que esta décima primeira edição da Revista Fim do Mundo se debruça e busca manter aceso o debate sobre essas contradições, apresentando o dossiê temático "*A marcha do capital: tensões na Nova Ordem Mundial*". A edição é enriquecida com a contribuição artística de Katia Bacchi, nossa **Artista Convidada**, que nos

---

<sup>1</sup> O MUNDO DEPOIS DE NÓS. Título original: *Leave the World Behind*. Direção: Sam Esmail. Produção: Higher Ground Productions. EUA, 2023.



apresenta quatro pinturas imersas no universo da crítica social e em sua *autocuradoria* nos lembra quanto e como as vidas se entrelaçam com a guerra: no vai e vem de seus exílios, a artista conheceu diversas guerras, territórios cindidos e, mais recentemente, seu novo inimigo: o neoliberalismo.

O **Debate do Fim do Mundo** abre os caminhos desta edição com o texto “O Brasil e o BRICS Plus na nova fase da (des)globalização multipolar”, em que os coordenadores deste dossiê, Adilson Gennari, Aline Miglioli e Paulo Alves de Lima Filho, debatem a existência de uma nova ordem mundial, ou pelo menos de uma ameaça à nova ordem mundial, a partir da organização dos países do “sul global” através dos BRICS+, e concluem que se trata de mais um rearranjo das burguesias locais para sobreviver sob a nova ordem.

A seção de **Artigos** é aberta com a contribuição do professor Paulo Alves de Lima Filho “Alguns elementos da economia política da guerra na história da ordem capitalista mundial – o caso do Brasil”, em que o autor faz um resgate da categoria do Complexo Industrial-Militar, apresentando excertos de sua tese de doutoramento, para debater a importância da guerra para a formação do capitalismo brasileiro e mundial, comparando-o com os casos russo e paraguaio para extrair uma conclusão geral sobre o papel da guerra nas industrializações de origem em revoluções burguesas conservadoras.

Em “A Organização do Tratado do Atlântico Norte e a expansão do capitalismo ocidental”, Caio Bugiato e Jordana Almeida retomam a importante história da OTAN no último século, seu constante fortalecimento – a despeito do argumento comumente usado de que a organização tenha renascido a partir da invasão russa na Ucrânia – e principalmente destrincham seu papel articulador entre as diversas potências que a compõem: a eliminação de obstáculos à acumulação do capitalismo ocidental.

No artigo redigido por Emerson Freire e Sueli Batista, “Elementos do fascismo brasileiro: limites e possibilidades da educação para a democracia e a emancipação”, são expostos ao leitor os efeitos do fascismo brasileiro na educação do país, revelando um aspecto da guerra interna de classes. Neste texto, os elementos do cotidiano brasileiro recente, como *fakenews* e discursos de ódio, são contrapostos à necessidade de permanente elaboração do passado como tarefa democrática.



Ainda sobre a temática da ascensão de governos fascistas, mas com uma abordagem internacional, Antonio Mota Filho discute a contrarrevolução e a ascensão da ultradireita na Europa, “Em um momento contrarrevolucionário, o que vem a seguir?”. Sob a perspectiva de Rosa Luxemburgo, o autor aborda o importante – e muitas vezes incômodo – debate sobre a democracia em momentos de acentuação do movimento contrarrevolucionário.

Ainda na temática do neoliberalismo e movimento contrarrevolucionário, Theo Lubliner e Henrique Tahan Novaes em “A decadência ideológica do pensamento econômico brasileiro no contexto da ditadura empresarial-militar e a crise da difusão da crítica marxista” abordam o processo de idealização do pensamento econômico brasileiro desde a ditadura militar-empresarial do Brasil e sua influência sobre a Economia Política Brasileira, a qual foi fundamentada na ideologia do desenvolvimento difundida após a Segunda Guerra Mundial e em ideologias neoliberais e ultraliberais a partir dos anos 1990.

Passando agora para uma perspectiva de resistência frente ao processo destrutivo em andamento, o trabalho “Workers control experience and discussions in Turkey” de Deniz Gürler, nos apresenta as primeiras experiências de empresas controladas por trabalhadores na Turquia entre os anos de 1960 e 1970, principalmente a partir de cooperativas ou de fábricas ocupadas. Neste período, a Turquia havia atravessado sua primeira ditadura militar e havia um cenário de radicalização e organização da classe trabalhadora. Novamente após os anos 2000, como resposta ao movimento neoliberal, novas fábricas foram ocupadas e novas cooperativas organizadas. O autor reflete sobre estas novas experiências, seus traços de solidariedade e a capacidade de representar uma luta contra o capital.

Por fim, Larissa Camargo, Renata de Melo e Ivan Jacob também dialogam com a experiência dos trabalhadores a partir de uma das principais pautas do mundo do trabalho atual: a *uberização*. Em “Neoliberalismo e a uberização do trabalho: Desafios para os Trabalhadores Brasileiros na Economia Digital”, definem este vínculo de trabalho e seu impacto nos diversos setores econômicos.

Na seção de **Textos para Discussão**, temos o ensaio de Paulo Alves de Lima Filho intitulado “Sobre a transição comunista na URSS: uma crítica da teoria da revolução socialista. Lenin e o significado histórico da sua



proposta de capitalismo de estado”, refletindo sobre a árdua e necessária tarefa de compreender, debater e teorizar sobre a transição comunista.

Em **Ensaio Crítico**, o texto de Gabriel Senra, “O movimento pendular da grande burguesia industrial brasileira”, reflete sobre o movimento pendular da burguesia brasileira com a classe trabalhadora. Em uma retrospectiva deste movimento, o autor levanta a hipótese de novos movimentos de aproximação, que possibilitariam novos ciclos “desenvolvimentistas”. Em “Sobre a Guerra”, Jean Sève nos leva a questionar a guerra no capitalismo enquanto uma exasperação histórica da luta de classes. Neste cenário, o autor vislumbra e nos instiga a prestar a máxima atenção sobre o caminho à catástrofe que estamos trilhando, uma terminal luta de classes que cederia espaço para o mundo além da sociedade de classes.

Em “A Guerra do Chile: desventuras da Unidade Popular e dilemas da revolução na América Latina”, de Plínio de Arruda Sampaio Junior, o autor nos remete ao Chile do governo de Allende e da Unidade Popular e nos convida a pensar a revolução chilena como um capítulo da revolução latino-americana, e esta, por sua vez, como um ato da revolução internacional. A partir da curta história da revolução chilena e de sua derrota, o texto reflete sobre o mito da transição pacífica para o socialismo, por dentro das instituições do Estado burguês. Em “Rumo a que nova ordem mundial? O fim da dominação americana e suas consequências”, Jacques Sapir aborda detalhadamente o termo “Nova Ordem Mundial”, definindo-o historicamente e conceitualmente, para, por fim, debater as origens da fragmentação desta ordem desde a crise de 2008 até o momento atual com a pandemia de COVID-19.

Encerra esta seção o ensaio de Marcelo Micke Doti “Totalidade e pragmatismo teórico: ciência, guerra e educação”, em que o autor reflete sobre a educação no atual estágio do desenvolvimento do capital. Para ele, a educação é uma relação social e, como tal, submetida às mesmas lógicas das determinações da sociedade. Sendo assim, argumenta que o ritmo acelerado, imposto pela acumulação de capital e o imediatismo típico deste sistema, fazem com que os processos educativos se percam como totalidade e, ao invés de redes, formam-se paredes, e a educação para a guerra torna-se o paradigma de todo o processo formativo.

Na seção de **Resenhas**, o livro “Entre a utopia e o cansaço: pensar Cuba na atualidade”, de Aline Miglioli, Vanessa de Oliveira e Fábio Luís



Barbosa dos Santos (Editora Elefante, 2024), é apresentado por Robert Euzébio, que reflete sobre os atuais impasses e dificuldades da transição comunista na ilha cubana no momento atual. Julio C. Gambina nos traz uma apreciação da obra escrita pelo presidente argentino Javier Milei, "Capitalismo, socialismo y la trampa neoclásica: De la teoría económica a la acción política" (Editora Planeta, 2024), demonstrando quão fracos e capciosos são os argumentos que sustentam as teses ultradireitistas do autor e sua agenda política.

Na seção de **Entrevista**, tivemos o prazer de conversar com a *Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lygia Quartim de Moraes*, da UNICAMP, que, a partir de sua trajetória enquanto mulher, exilada, professora, pesquisadora e militante, nos contou sobre o movimento feminista, seu olhar para as novas tendências do movimento feminista liberal, as diferenças entre o movimento no Brasil e nos Estados Unidos e suas perspectivas para a luta de classes no Brasil. Contamos também com a tradução da entrevista de *Modesto Emílio Guerreiro* a Carlos Tautz, em que este dialoga sobre as possibilidades do governo venezuelano frente ao novo cenário global, as eleições que se aproximam e o novo status da relação com os Estados Unidos.

Encerramos a edição com um **Memorial** em homenagem à Professora Maria da Conceição Tavares, cuja morte, ocorrida enquanto nos esforçávamos em fechar este número da RFM, significou a perda de uma das mais argutas vozes críticas do pensamento social brasileiro – como nos apresentam Adilson Gennari e Fabio Campos em "Maria da Conceição Tavares, a espada democrática contra o dragão do modelo econômico brasileiro".

Boa Leitura!

*Junho de 2024.*

*Coordenação do Dossiê Temático*

Paulo Alves de Lima Filho | Adilson Marques Gennari

Aline Marcondes Miglioli | Zuleica Mizael Vicente

e os Editores

